

Ciro, um imortal

Ciro, o Grande (560-529 a.C.), Rei dos Medos e Persas, “rei dos quatro cantos do mundo” (incluindo Sumeria, Babilônia, Egito), é uma forte personagem dos graus capitulares nos Templos da Virtude. É o fundador do maior império do mundo antigo, indo do Sudoeste do Irã até a Líbia, Oeste, e até as fronteiras da Índia, a Leste. Redigiu édito (versão das Sagradas Escrituras), que se permitia a repatriação dos exilados, a restauração do templo e determinava que os que nascessem escravos em seus domínios fossem considerados livres. “Deus me deu os reinos do mundo conhecido e me ordenou erigir um templo em Jerusalém, que fica na Judéia. Quem de vós sois de seu povo? Deus está convosco. Vinde, parti para Jerusalém e edificai o templo”.

Era o nascimento do judaísmo. O historiador grego Xenofonte revela-nos palavras do Grande Rei pronunciadas ao morrer. Os templos (sinagogas, igrejas, mesquitas, comunhões, santuários) são construções que propiciam a introspecção e o recolhimento. A entrada em um templo poderá se apresentar como a melhor oportunidade de uma leitura e reflexão: “Meus caríssimos filhos, não creiam quando eu vos tiver deixado, que não serei mais nada e que desaparecerei. Enquanto eu vivia entre vós, não discerníeis minha alma, mas, compreendeis, por meus atos e gestos, que ela estava em meu corpo. Estai certos de sua existência mesmo se nada mais a torna visível”.

Os grandes homens, após sua morte, não seriam tão duradouramente venerados se não emanasse de sua alma algo que conserva sua lembrança. Jamais pude acreditar que a alma, viva enquanto habitava o corpo, morresse a deixá-lo; nem que, ao se evadir do corpo de um insensato, ela permanecesse insensata. Creio, ao contrário, que, desvencilhada de seu invólucro carnal, voltando a ser pura e homogênea, a alma volta a ser sábia. Aliás, quando o corpo se desagrega, após a morte, percebe-se bem de onde vinham e para onde retornam os elementos que o constituíam. Somente a alma, esteja presente ou não, jamais se mostra.

Vós constatais, além disso, que nada se assemelha tanto à morte quanto o sono. E a alma do adormecido manifesta claramente sua natureza divina: em repouso, relaxada, esta prevê com freqüência o futuro. Isso nos dá uma idéia do que ela será no dia em que estiver totalmente livre de sua prisão corporal. Se o que creio é verdadeiro, ele acrescentou: “Se a alma, ao contrário, morre com o corpo, é venerando os deuses, organizadores e guardiões do universo, que cultivareis como bons filhos minha lembrança”.

Verdade é que se até humildes mortais empenham-se em passar a posteridade é porque nela acreditam. Mesmo aceitando-se como verdade que as almas são imortais, os grandes homens não envidam esforços para alcançar a glória e a

imortalidade. (gerando filhos, plantando árvores, escrevendo livros) para alcançar a eternidade. É bom ter reservado em nossa agenda um espaço para a espiritualidade.

VALFREDO MELO E SOUZA

Academia Maçônica de Letras do DF